

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



Midiã Souza Barbosa¹, Beatriz de Castro Magalhães², Emanuely Holanda Silva³, Ana Bianca Lins de Andrade⁴, Maiara Bezerra Dantas⁵, David Mikael Nascimento Viana⁶, Danielle Gomes Felipe⁷, Eirilandia Alves Magalhães Araújo⁸, Moziane Mendonça de Araújo⁹

Resumo:

O estudo objetiva refletir acerca das desigualdades de gênero como causa da violência contra a mulher (VCM). Trata-se de um estudo narrativo e descritivo do tipo análise crítico-reflexiva, baseado em artigos científicos que tratam da VCM. Estes, foram obtidos a partir de uma revisão narrativa assistemática da literatura, com os descritores: Violência Contra a mulher, Saúde da mulher e Mulher, através da Biblioteca Virtual de saúde e da *Scientific Electronic Library Online*. A amostra final foi de 10 artigos, lidos integralmente e confrontados com outras literaturas. Diante dos achados foi possível a associação entre as desigualdades de gênero e a naturalização da VCM. A dominação do homem no meio social e nas relações íntimas, bem como sua naturalização são determinadas por alguns fatores, como religião, a família, a própria sociedade, observadas em ambientes como o trabalho e escola. Com isso, o manejo desse problema requer intervenção individual e coletiva no que se refere a (des)construção de padrões de gênero. O setor da educação exerce bastante influência no empoderamento das mulheres e na desnaturalização do machismo, influenciando assim na prevenção da VCM.

Palavras-chave: Gênero. Violência contra a mulher. Desigualdade.

1. Introdução

A violência contra a mulher (VCM), trata-se de um grande problema de saúde pública imbricado às relações de gênero, nas diferentes culturas, alicerçadas na construção social do ser feminino e ser masculino (MACHADO et al., 2017).

Levando em consideração que a violência contra a mulher ocorre, geralmente, no âmbito privado, cujos agressores são pessoas do convívio íntimo

¹ Universidade Regional do Cariri, email: midiabarbosaignt@hotmail.com

² Universidade Regional do Cariri, email:beatriz.castro022015@gmail.com

³ Universidade Regional do Cariri, email: emanoely_holanda@hotmail.com

⁴ Universidade Regional do Cariri, email: analins2015@outlook.com

⁵ Universidade Regional do Cariri, email:maiara-dantas13@hotmail.com

⁶ Universidade Regional do Cariri, email: davidvincius448863@gmail.com

⁷ Universidade Regional do Cariri, email: dani.gfelipe@gmail.com

⁸ Universidade Regional do Cariri, email:pekaaraujomagalhaes123@hotmail.com

⁹ Universidade Regional do Cariri, email: moziane@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



ou familiares, esta se configura como invisível e naturalizada como normal em uma relação entre homem e mulher (WHO, 2013; MELO; GARCIA, 2017).

Cabe destacar que a dominação do masculino sobre o feminino compreende aspectos culturais, psicológicos, morais e também sexuais; e que o ser masculino e o ser feminino caracterizam uma construção sociocultural, visto que desde os primórdios da humanidade se tem projetado na divisão sexual do trabalho e nas atividades reprodutivas, correspondentes aos papéis do homem e da mulher na reprodução humana, a supremacia masculina (BOURDIEU, 2010; BUTLER, 2008; BEAUVOIR, 2015).

Assim, tendo em vista as repercussões psicológicas e físicas ocasionadas na vida da mulher pela violência e que o manejo desse problema no setor saúde requer uma visão mais holística e social, é de fundamental importância a discussão a respeito das bases ideológicas que firmam as desigualdades de gênero.

2. Objetivo

Refletir acerca das desigualdades de gênero como causa da violência contra a mulher.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo narrativo e descritivo do tipo análise crítico-reflexiva, baseado em artigos científicos que tratam da VCM. Os artigos foram obtidos a partir de uma revisão narrativa e assistemática da literatura com os seguintes descritores: Violência Contra a mulher, Saúde da mulher e Mulher através da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO). A busca se deu em setembro de 2019. Os artigos incluídos foram: artigos que versavam sobre VCM e abordavam uma perspectiva social, publicados nos últimos 10 anos. Foram excluídos os artigos repetidos e duplicados. A amostra final foi composta por 10 artigos que foram submetidos a leitura aprofundada e crítica, e ainda debatidos com estudos pertinentes.

4. Resultados

Diante dos achados foi possível a associação entre as desigualdades de gênero e a naturalização da violência contra a mulher, como se pode observar a seguir.

A violência contra a mulher é uma das formas que o poder masculino afirma e reforça sua potência. As formas mais visíveis dizem respeito à violência física e sexual, enquanto aquelas formas menos detectáveis à primeira vista, como a psicológica e econômica, podem acabar sendo negligenciadas (KURTZ, 2017).

É importante esclarecer que a violência praticada contra as mulheres está socialmente construída, tendo em vista o espaço social de dominação masculina e submissão feminina criada pelo patriarcado e pelas diferenças de gênero. Essa situação de desigualdade é reforçada em diversos sistemas sociais, como a família, a religião, a escola e o trabalho, impondo ao homem a detenção de poder sobre a mulher e contribuindo para a perpetuação da naturalização da VCM (LIRA; BARROS, 2015).

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



Corroborando com o exposto, alguns autores abordam que a violência contra a mulher pode ser explicada como um fenômeno multifacetado cujas raízes encontram-se arraigadas na desigualdade entre os sexos, embasadas nas categorias hierárquicas historicamente construídas que vitimizam mulheres e as colocam em posição de subalternidade (COSTA; LOPES; SOARES, 2014; GONZÁLES; BEJARANO, 2014; GUEDES; FONSECA, 2011; WHO, 2010).

Na perspectiva da naturalização da violência contra a mulher, têm-se que as vítimas podem não reconhecer as violações, tendo em vista que o pensamento feminino, em grande parte, anda em consonância aos ideais do sistema machista e patriarcal, e dessa forma, seus atos se voltam à submissão diante do homem (BOURDIEU, 2014).

No que se refere aos relacionamentos íntimos, a assimetria entre os gêneros está diretamente relacionada à distribuição desigual de poder entre os parceiros, o que se torna um preditor para situações de risco em que um dos envolvidos possa machucar o outro (GONZÁLEZ, BEJARANO, 2014).

Destaca-se que muitas vezes a mulher ausenta o homem do papel de agressor, passando a se culpabilizar ou culpar alguma situação específica como desencadeadora da violência (SOUSA et al., 2018). Isso pode se justificar pelo fato das relações íntimas entre homem e mulher serem permeadas pelo sistema dominador-dominada, que incumbe ao homem o controle sobre bens e comportamentos femininos e repudia a insubordinação feminina (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014; COSTA; LOPES; SOARES, 2014; GIRALDO; BALLÉN, 2014;).

A grande problemática dentro do exposto, é que a maioria das mulheres, por naturalizarem a submissão, não se percebem em situações de violência, acreditando estarem experienciando algo normal nas relações entre parceiros íntimos. É como se a violência fosse indissociável dessas relações (COSTA; LOPES; SOARES, 2014). Isso, justifica-se pelo sistema patriarcal no qual a sociedade está imersa, negar o direito da mulher de decidir e fazer escolhas, e puni-la quando o fazem (GIRALDO; BALLÉN, 2014).

Deste modo, é válido refletir sobre a influência que a família e a religião têm desde a formação social da mulher como submissa ao homem até a influência na permanência da mulher em uma relação abusiva, tendo em vista os preceitos estabelecidos desde os tempos mais remotos. A escola tende a reproduzir o que a sociedade em geral prega; e o trabalho se configura como uma das formas de mostrar a superioridade do homem em relação a mulher, quando ele ocupa cargos mais importantes e é melhor beneficiado financeiramente pelas mesmas funções que uma mulher desempenharia.

Sinaliza-se assim, para a relevância da criação de espaços de reeducação na perspectiva de gênero, que possibilitem o reconhecimento do agravo pelo casal e favoreça relações mais respeitadas e harmoniosas no âmbito relacional (SOUSA et al., 2018).

5. Conclusão

A partir das reflexões originadas pelos estudos, tem-se a percepção de que a VCM não é um problema meramente isolado, mas que tem suas bases

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



enraizadas em um sistema aprisionador que culpabiliza as mulheres que são vítimas de violência por seu parceiro íntimo. Nesse sentido, destaca-se que o manejo desse problema requer intervenção individual e coletiva de toda a sociedade no que se refere a (des)construção de padrões de gênero que oprimem a mulher e naturalizam as condutas violentas dos homens.

Dessa forma, o setor da educação exerce bastante influência no empoderamento das mulheres e na desnaturalização do machismo, e assim da violência.

6. Referências

ALMEIDA, L.R de; SILVA, A.T.M.C da; MACHADO, L.D.S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. **Interf., comun., saúde e educ.**, v.18, n.48, p. 47-59, 2014.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, M.C da; LOPES, M.J.M.; SOARES, J.S.F. Representações sociais da violência contra mulheres rurais: desvelando sentidos em múltiplos olhares. **Rev Esc Enferm USP**, v.48, n.2. p.214-22, 2014.

GIRALDO, S.L.H.; BALLÉN, M.N.R. Vivencias e imaginários femininos que naturalizam la violencia intrafamiliar. **Index de enfermeira**, v. 23, n. 1-2, p.26-30, 2014.

GONZÁLES, G.C.; BEJARANO, C.R. La violencia de género: evolución, impacto y claves para suabordaje. **Enfermería Global**, v.13, n. 33, p. 424-439, 2014.

GUEDES, R.N.; FONSECA, R.M.G.S. A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, e.2, p.1731-5, 2011.

KURTZ, G. B. Manifestações de violência simbólica contra a mulher nos videogames: uma revisão bibliográfica. **Rev Metamorfose**, v. 2, n.1, 90-109, 2017.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



LIRA, K. F. S.; BARROS, A. M. Violência contra as mulheres e o patriarcado: um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Rev Ágora**, Vitória, n. 22, p. 275-297, 2015.

MACHADO, M. E. S. et al. Perception of health professionals about violence against women: a descriptive study. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 16, n. 2, 2017.

MELO, A. C. M.; GARCIA, L. P. Atendimentos de jovens vítimas de agressões em serviços públicos de urgência e emergência, 2011: diferenças entre sexos. **Ciênc. saúde coletiva**, v.22, n.4, p.1333-1341, 2017

SOUSA, A. R. de. et al. Violência conjugal: discursos de mulheres e homens envolvidos em processo criminal. **Esc Anna Nery**, v.22, n.1, e.20170108, p. 01-07, 2018.

WHO. **Global and regional estimates of violence against women**: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2013.

_____. World Health Organization; London School of Hygiene and Tropical Medicine. **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence**. Geneva: World Health Organization; 2010.